



Novas fronteiras epistemológicas: o interesse acadêmico pela mística

New frontiers epistemological: academic interest in the mystical

Carlos Frederico Barboza de Souza *

A temática da mística ocupa certo lugar de destaque em nossa sociedade: o interesse por ela se manifesta na quantidade de publicações que dizem respeito a este tema, bem como no uso que os meios de comunicação social dela fazem. Mais que doutrinas religiosas, discursos sobre o Sagrado, muitas pessoas buscam uma experiência, “sentir” a divindade.

A Academia também está se mostrando interessada por esta temática, haja vista o aumento de teses e dissertações envolvendo místicos e/ou temas associados, assim como se pode perceber o aumento de publicações a este respeito.

Segundo Roger Bastide, a mística é um dos principais traços das expressões da religiosidade na contemporaneidade, que se encontra presente tanto nos novos movimentos religiosos como no interior das grandes tradições religiosas. É a raiz e o cume da expressão religiosa e está na origem da religião. É também “uma tentativa heroica para levar a religião à sua perfeição suprema, para viver uma vida de santidade [...]. Assim, se o misticismo está na base, está também no cume de qualquer religião”, (BASTIDE, 13-14) embora haja uma tendência das religiões de controlar a dimensão “selvagem” deste tipo de experiência, regularizando-a e domesticando-a.

William James também reconhecerá a importância deste tipo de experiência e apresentará quatro características que o fenômeno místico possui quando comparado com a vivência exotérica da religião: inefabilidade, qualidade noética – produz

* Doutor em Ciências da Religião (UJFJ), professor da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: fredbarb@uol.com.br

conhecimentos oriundos de intuições globais da verdade, que lhe conferem um senso de autoridade –, transitoriedade – os estados místicos não se estendem por longo tempo – e passividade – condição de receptividade radical do sujeito que se abre à experiência mística e que a percebe como ser possuído por um poder ou ser superior. E esta relação é vivenciada como experiência frutiva pelo místico, segundo Olivier Lacombe.

O *Dictionnaire de Spiritualité* acrescenta outros elementos, dos quais se ressaltará os seguintes: totalidade – o estado místico envolve a totalidade da pessoa e de sua vida, assim como implica uma visão unificadora da realidade –, conhecimento experimental – não se chega à experiência mística através da lógica e da aquisição de conhecimentos racionais –, momentos fortes acompanhados, por vezes, por fenômenos extraordinários – a experiência mística é arrebatadora e muitas vezes se associa a fenômenos como visões, locuções, etc – e o esvaziamento de tudo o que não é Deus e transformação radical da pessoa.

Procurando explicitar o que está envolvido no conceito “mística”, Bernard McGinn afirma que ela trata de uma prática que envolve “a preparação para, a consciência de, e a reação ao que pode ser descrito como a imediata ou direta presença de Deus”. (p. xvii). E para este autor, é mais importante para a compreensão da mística a categoria de presença que a categoria de união com Deus. Embora se tenha que ter consciência que a categoria de presença também possua certa ambiguidade, pois, em muitos casos, a mística falará, da mesma forma, da percepção de ou da sensação de uma ausência ou, no caso de João da Cruz, de uma presença escondida.

Porém, segundo Henrique Cristiano de Lima Vaz, pode-se detectar certa deteriorização semântica deste conceito em nossa sociedade contemporânea, devido à sua utilização em jargões midiáticos e políticos, que acabam – devido à sua imprecisão e falta de recorrência à história do termo – não comunicando nada de significativo. Além disso, há uma inversão na utilização deste conceito na modernidade: este passa a designar “convicções, comportamentos ou atitudes, cujo objetivo está circunscrito aos limites do nosso ser-no-mundo e envolvido por uma nuvem passional que obscurece o claro olhar da razão” (VAZ, p. 10) e circunscreve a mística ao domínio da imanência.

Diante de tal realidade que é a mística, seu estudo acadêmico é importante e se torna pertinente, pois pode ser uma rica colaboração para uma delimitação mais precisa

do que ela envolve, além de possibilitar uma visão mais ampla, para além dos contornos de uma determinada religião e mesmo das religiões, sobre o que a constitui e onde se manifesta.

Por outro lado, tanto para a Academia quanto para a sociedade e as tradições religiosas, seu estudo pode ser enriquecedor, pois abre possibilidades de outras reflexões a partir da inclusão de olhares distintos sobre a cultura ocidental e seu estilo de vida. Também oferece à Academia uma perspectiva de estudos sobre autores e experiências pouco conhecidos no âmbito acadêmico e, ao mesmo tempo, de grande importância para as Ciências da Religião, a Filosofia, a Teologia e as ciências humanas e sociais. São autores que começam a ter certa penetração no ocidente em países como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Espanha e Itália, e se fazem presentes também em nossos países latino-americanos. Nesse sentido, estudiosos do Diálogo Inter-Religioso, do Fenômeno Místico na perspectiva do Estudo Comparado das Religiões ou da História das Religiões, estudiosos de Antropologia, Sociologia, Filosofia e Psicologia da Religião poderão ter ampliados seus leques de reflexão.

Entretanto, a maior contribuição que os estudos da mística podem oferecer ao ambiente acadêmico diz respeito à reflexão epistemológica que pode propiciar. A mística, de maneira geral, orienta-se para uma “plenitude”, denominada por muitos de “união mística”. E a experiência desta realidade ou a aproximação dela, além de supor a transição e a passagem por muitas e diferentes etapas, é envolta no que se chama de apofatismo: ou seja, o místico, que se encontra, de maneira geral, entre a “impossibilidade de dizer e a impossibilidade de não dizer”. (Valente, p. 62), vivencia grande incapacidade de traduzir o vivido em conceitos e quando o faz, isto se realiza por meio da utilização de vários recursos, dentre os quais, a metáfora e a negação. É a “teologia negativa” ou “teologia apofática”, discurso que se origina quando a “teologia catafática” se esgota em seu dizer ou se absorve na admiração extática, amorosa e sapiencial do Mistério. Aqui se entra no terreno do silêncio e da contemplação.

A “via negativa”, portanto, pode e deve se estabelecer como um dos paradigmas importantes para a interpretação da experiência mística. E quando assume esta condição, pode também se constituir e se apresentar como um paradigma importante para a compreensão de realidades outras que não a mística.

Esta negação presente no discurso apofático possui certa relação com a racionalidade, pois, se por um lado, em certa medida, ela nega a racionalidade – sobretudo em seus aspectos lógico-dedutivos – por outro lado, ela é fruto de uma racionalidade diferenciada, que gera outro tipo de lógica e de conhecimento, mas que ainda assim possui uma característica noética, no dizer de William James. Porém, é um tipo de conhecimento de outra ordem, distinto do conhecimento lógico propugnado pelas ciências e por muitas de nossas experiências cotidianas. É um conhecimento que perpassa a intuição, age de forma tácita e gera visões globais sobre o mundo, a vida, a espiritualidade, etc.

Neste sentido, a mística não aponta para uma experiência irracional, mas pode-se afirmar com Henrique Cristiano de Lima Vaz que diz de uma vivência “trans-racional”; ou, segundo a pesquisadora porto-riquenha Luce López-Baralt, trata-se de uma vivência “a-racional”.

Há, portanto, certa tensão interna entre o elemento racional e o não racional do discurso e das vivências místicas: daí o caráter crítico dela em relação à modernidade quando esta enfatiza concepções de ordem materialista / racionalista / pragmática. É neste terreno que Wittgenstein, Bergson, Heidegger e Rudolf Otto entrarão. Por outro lado, a mística aponta também para uma continuidade com a modernidade no sentido de valorizar o indivíduo em sua independência, vontade, busca por experiências, satisfação pessoal e autenticidade, além de se revelar como um tipo de otimismo religioso.

Entretanto, não somente a relação com a razão é importante. Segundo Rufus Jones, a mística é “o tipo de religião que coloca ênfase na percepção imediata da relação com Deus, na consciência íntima e direta da Presença Divina”. (*Studies in mystical religion*, p. xv). Para Tomás de Aquino ela é “*cognitio dei experimentalis*”, conhecimento de Deus pela experiência, onde o eu íntimo entra em contato imediato com Deus ou com a Realidade metafísica. (Scholem, p. 6). Devido a essa dimensão experiencial e vivencial é que ela atrai muitas pessoas na contemporaneidade.

Entretanto, se a mística centra-se em certo tipo de experiência e é a experiência de um Mistério Transcendente com o qual o místico se encontra ou se abre para captar

ou intui, de que se trata esta experiência? Como entender esta experiência e as vivências de que falam os místicos?

Uma primeira constatação que pode ser feita é de que toda experiência é uma experiência interpretada, realizada em um contexto histórico-cultural particular, de modo que “Eles vivenciam o mesmo Deus. Mas não têm a mesma experiência”. (Amaladoss, p. 88). Não há experiências puras e mesmo uma experiência bem íntima e pessoal da divindade não poderia ser identificada com a realidade da divindade em si, pois

a maneira pela qual se vivencia Deus é condicionada pela personalidade, comunidade, cultura e história. [...] Toda pessoa nasce numa tradição que determina a maneira com a qual a pessoa olha para Deus, para as outras pessoas e para o mundo. A linguagem e os símbolos que se utilizam para expressar a própria experiência surgem duma tradição histórica que não é criada, mas aprendida. (Amaladoss, p. 85).

Desta forma, o que os seres humanos experimentam é uma proximidade ou irradiação desta Realidade, e, muitas vezes, de forma obscura. Aqui cabe a distinção que Edward Schillebeeckx faz – e que não se restringe ao conhecimento religioso, mas se encontra presente em toda atividade científica e produção de conhecimento – entre “referencial real”, que seria a própria realidade da divindade, e “referente disponível”, que são as representações e imagens da divindade disponíveis nas tradições religiosas e culturais, que interferem diretamente no agir e pensar do crente. Portanto, do ponto de vista da experiência humana, não há uma divindade em si, mas apenas uma divindade interpretada, que se manifesta na experiência mística através de uma “imediaticidade mediada”. (cf. Schillebeeckx, p. 46).

É neste sentido que se pode afirmar também que não há misticismo puro, mística em si, mas apenas a mística de um sistema religioso particular: mística cristã, judaica, islâmica, budista, afro brasileira e assim por diante. Também compartilha desta ideia Evelyn Underhill quando afirma que os místicos não foram anarquistas que queriam dinamitar os limites da própria religião, mas, antes, os grandes místicos foram adeptos fiéis de suas tradições religiosas, no sentido de que eram convictos dos valores das mesmas, embora, muitas vezes, na forma de vivenciá-los podiam se distanciar da maioria dos seguidores de sua tradição religiosa.

Portanto, o estudo da mística se reveste de grandes potencialidades, podendo oferecer à Academia novas maneiras de acesso à realidade, assim como maneiras inusitadas de lidar com a racionalidade e o conhecer: ou seja, pode oferecer possibilidades epistemológicas extremamente ricas.

REFERÊNCIAS

- AMALADOSS, Michael. **Pela estrada da vida**. São Paulo: Paulinas, 1976.
- BASTIDE, Roger. **Os problemas da vida mística**. Lisboa: Publicação Europa-América, 1959.
- GARDET, Louis; LACOMBE, Olivier. **L'Expérience du Soi – Étude de Mystique Comparée**. Paris: Desclée de Brouwer, 1981.
- JAMES, William. **The varieties of religious experience**. Nova York: Penguin Books, 1982.
- LÓPEZ-BARALT, Luce. **Asedios a lo Indecible – San Juan de la Cruz canta al éxtasis transformante**. Madri: Editorial Trotta, 1998.
- MCGINN, Bernard. **The foundations of mysticism – Origins to the Fifth Century**. New York: The Crossroad Publishing Company, 1991.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **História Humana, Revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994.
- SCHOLEN, Gershon. **As grandes correntes da mística judaica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- UNDERHILL, Evelyn. **Mysticism, a study in the nature and development of man's spiritual consciousness**. Nova York: E. P. Dutton & Co., Inc., 1961.
- VALENTE, José Angel. **La piedra y el centro**. Madri: Taurus, 1982.
- VAZ, Henrique Cristiano de Lima. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.
- VILLER, Marcel (Ed.). **Dictionnaire de spiritualite: ascétique et mystique, doctrine et histoire**. Paris: Beauchesne, 1987-1988. Vol. X. Col. 1869-1873.